

# A tradição escrita do Hunsrückisch e a produção literária

Gerson Roberto Neumann<sup>1</sup>

Por Hunsrückisch entende-se, citando Cléo V. Altenhofen, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS:

uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.<sup>2</sup>

Hoje a língua materna de muitos brasileiros é a variedade dialetal Hunsrückisch. O que significa isso? O que significa ter como língua materna no Brasil uma língua que é uma variedade do alemão?

*Ich spreche Hunsrückisch!*

*Unn schreibe? Schreibt ihr och etwas uff Hunsrückisch?*

A escrita em Hunsrückisch, apesar do número considerável de falantes no Brasil, é pouco presente nesse cenário. Há, contudo, algumas práticas observadas na literatura local. Pretende-se apresentar aqui exemplos de textos escritos em Hunsrückisch produzidos no Brasil e também na Alemanha. A intenção é apresentar alguns exemplos. Certamente existem muitos outros esquecidos, talvez no fundo de uma gaveta, ainda não publicados. O nosso objetivo com o presente livro é dar voz a uma produção em Hunsrückisch que necessita de espaço. Com isso, espera-se motivar muitos outros a também escrever e publicar.

- 
- 1 Professor Associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da UFRGS. O texto aqui apresentado é resultado de um levantamento sobre o tema e uma apresentação no XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas, realizado em 2008, na cidade de São Leopoldo - RS.
  - 2 ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996. XVIII, 444 p. com 12 ilustrações e 77 mapas, além de um resumo em português. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

A produção oral – e seus aspectos linguísticos em si – do grupo falante de Hunsrückisch no Brasil, originário da região que compreende o oeste da atual Alemanha e presente no nosso contexto a partir do intenso fluxo migratório ocorrido a partir da segunda década do século XIX, tem sido a ênfase das pesquisas de Cléo V. Altenhofen, acima mencionado, e uma equipe de professores, estudantes e pesquisadores.

A produção oral de qualquer grupo está intimamente ligada à sua forma de expressão oral. Deste modo, a identificação identitária caracteriza o sentimento de pertencimento, de ligação a determinado grupo em detrimento do sentimento de ser diferente, mesmo dentro de um mesmo país. No caso específico do Hunsrückisch, estamos tratando de uma variante dialetal ainda bastante praticada no Brasil, apesar de a imigração alemã para o Brasil ter iniciado há praticamente dois séculos (1824).<sup>3</sup> Também por isso, por essa prática linguística ainda se manter presente em comunidades de falantes dessa variante, julga-se fundamental ouvi-la e estudá-la de forma mais sistemática. No livro *O rebento do carvalho. Contos dialetais – vol 1*, do Padre Balduino Rambo, traduzido pelo seu irmão professor Arthur B. Rambo e publicado em edição bilíngue pela Ed. Unisinos, lê-se o que Balduino escreveu no seu diário, no dia 29/06/1949, sobre a importância do Hunsrückisch para ele. A citação a seguir é retirada da dissertação de mestrado de Isabel C. Arendt na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – *Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.*, na qual estudou as cartas de fundo ficcional em dialeto dirigidas ao público leitor, geralmente das comunidades coloniais:

Como sempre prende-me o teor épico da minha língua materna. É apenas nos dialetos que ainda vive toda a força criadora e inteiriça da épica, sendo que deles brota a árvore da língua artística, (árvore) que se cobre mais e mais de torpor, quanto mais, ao crescer para o alto, ela se insere no mundo do intelecto [sic] ou da razão. Quem não ama seu dialeto, não aprendeu o espírito vivo da língua.<sup>4</sup>

Saindo do contexto de língua alemã, recorremos a uma citação, na qual se reflete sobre a recepção de uma literatura oral que passa a ser escrita e, com isso, legível. Trata-se de Luiz Carlos Borges, num interessante texto em que estuda a oralidade discursiva do mito dos Guarani Mbyá. Segundo o autor, “o narrador tem por função (re)textualizar o texto da tradição, de forma que ele não é somente autor mas o autor de uma nova versão e, ao mesmo tempo, seu comentador.”<sup>5</sup> Isso que Borges afirma, certamente foi realizado pelos escritores do Hunsrückisch. Por isso a importância da análise da tradição, uma vez que nela estão contidos os resultados das reflexões de escritores sobre a problemática em ques-

---

3 Toma-se por base o ano de 1824 por ser o que marca a vinda dos primeiros imigrantes com apoio do governo imperial brasileiro. Sabe-se que ocorreram outros movimentos migratórios de regiões de língua alemã anteriormente para o Brasil, mas não se trata aí de um movimento sistemático.

4 A citação foi extraída da publicação da autora e não da dissertação apresentada à universidade. ARENDT, Isabel C. e SILVA, Haiké R. Kleber da. *Representação do discurso teuto-católico e a construção de identidades*. Porto Alegre: EST, 2000, p. 144.

5 BORGES, Luiz Carlos. Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: FERNANDES, Frederico A. G. (Org.) *Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003, p.12.

tão, sendo elas sobre a forma como pode ser reproduzida em palavras escritas a expressão oral (palavras faladas) de um grupo ou também sobre a adequação a formas escritas já existentes, quando já houve alguma forma de reprodução escrita de determinada variante.

O Hunsrückisch praticamente inexistente na forma escrita, sendo mais conhecido, portanto, como uma língua oral. Como existem, porém, expressões isoladas dessa produção também na forma escrita, produzidas geralmente a partir de experiências linguísticas particulares, resultados de pesquisas individuais, propõe-se aqui refletir sobre essa forma escrita. Atualmente observa-se uma tendência crescente de criação em variantes dialetais devido a um maior acesso às mídias e a consequente divulgação mais rápida e de fácil produção.

Nesse sentido, uma proposta de escrita adequada e padronizada – o que se propõe, entre outros aspectos, com a presente publicação – pode contribuir para uma maior uniformização dos modos de escrever essa variante essencialmente falada e, inclusive, ajudar na escolarização (em língua portuguesa e/ou alemã) das crianças falantes do Hunsrückisch como língua materna. Não se pretende, e isso é importante destacar aqui, realizar a aplicação, o ensino do Hunsrückisch em escolas. Quer-se sim, valorizar os pré-conhecimentos da variante de alunos que ingressarem nas escolas, pois são crianças que convivem naturalmente com o bilinguismo e que, portanto, devem poder e ser orientadas para tirarem proveito desse privilégio.

Entra em questão aqui uma velha e relevante preocupação: a de se estar perdendo um conhecimento e uma habilidade linguística de difícil aprendizagem, que tem na escrita um recurso utilíssimo para dar vazão aos sentimentos em torno da língua materna. E mesmo um professor de português e de alemão pode valer-se desse instrumento para explicar diferenças linguísticas em relação ao dialeto, sejam elas gramaticais ou meramente de ordem vocabular. Neste sentido, também os preconceitos linguísticos, por exemplo, de que o “Hunsrückisch não é língua, que é língua de colono, ou língua quebrada (*vebroch-nes Deutsch*)”, devido à incompreensão do que realmente caracteriza e define uma língua, podem ser melhor combatidos com o auxílio do recurso da escrita. Vale ressaltar que as pesquisas do bilinguismo – da capacidade de uso de duas línguas – têm mostrado que, quanto melhor conhecemos e entendemos nossa língua materna, tanto melhor aprendemos outras línguas. Isso significa que quanto melhor e sem medo um falante conhecer e valorizar sua língua materna, o Hunsrückisch, tanto mais facilmente aprenderá o português e outras línguas, e tanto melhor poderá ser sua socialização e escolarização, isto é, a formação como cidadão seguro e confiante de si.

O tema, contudo, é bastante complexo, uma vez que para se chegar à proposta mais elaborada de uma escrita em Hunsrückisch, vários fatores têm de ser considerados, envolvendo por exemplo: a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?). Os argumentos que se levantou aqui mostram que o empreendimento é digno de toda atenção, nos mais diversos segmentos da sociedade, pois já faz algum tempo que o Hunsrückisch deixou de ser “língua apenas de colono”, para ser cada vez mais também língua de outras classes sociais. E, mesmo que continuasse sendo uma língua de colonos, mereceria a nossa atenção pela sua importância, antes ignorada. O Hunsrückisch ultrapassou as fronteiras das comunidades coloniais e hoje é possível encontrar falantes dessa variedade dialetal em diversos setores da sociedade brasileira, o que por si só já é um dado de grande importância, pois houve uma transposição dessas fronteiras e um crescimento intelectual de muitos elementos desse contexto, sem que tivessem que ocorrer perdas linguísticas por parte desses falantes.

Portanto, conforme Borges, “ao [se] mencionar a tradição, o que fica implicado é o acervo narrativo próprio do grupo, os diversos gêneros e a interdiscursividade/intertextualidade,”<sup>6</sup> esses transmitidos na língua materna desses falantes, ou seja, em variante dialetal. Certamente muitas pessoas, principalmente os falantes mais idosos dessas comunidades, lembram-se dos contos do Pe. Balduino Rambo, publicados em Hunsrückisch no almanaque *Die Fahne des Heiligen Ignatius*. Uma coletânea desses contos foi reunida e publicada pela Editora da UNISINOS.

Nesse momento, pretendemos enumerar as fontes que servem como referência para a fixação da tradição escrita já existente em Hunsrückisch, para, a partir do estudo de cada uma dessas formas de expressão escrita, definir parâmetros para a estruturação do que se julga ser a forma escrita mais adequada para a transcrição da produção em Hunsrückisch. Inicialmente citarei as obras de autores alemães, uma vez que estamos tratando de uma variedade dialetal, cuja matriz é alemã. Além das diferentes formas de expressar o Hunsrückisch na escrita, tem-se aí a reunião das obras escritas na referida variante, o que poderá servir para estudos relacionados a essa rica expressão oral. Como no século XIX as possibilidades de publicação não eram tantas como as que se passou a ter com o desenvolvimento industrial, tanto na Alemanha como no Brasil, para muitos escritores a única possibilidade de publicação estava nos almanaques ou jornais. Também o poder de compra dos colonos, grande maioria leitora desses textos, impedia a compra de livros de leitura, mas como se lê no livro *Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul*,

apesar de tudo, todo o colono mesmo que more na picada mais afastada na mata virgem, embora nunca leia um livro, talvez nem assine um jornal em companhia com um outro, por um hábito que lhe vem de longe, compra um almanaque, a fim de se manter a par do calendário de festas, das fases da lua e outros tantos assuntos.<sup>7</sup>

A seguir, passarei a apresentar alguns autores e textos em Hunsrückisch localizados até o presente momento, que servem para a montagem do *corpus* da tradição. Registramos os seguintes:

## Livros

1) ROTTMANN, Peter Joseph. *Gedichte in Hunsrücker Mundart*. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

Peter Joseph Rottmann (1799 - 1881)<sup>8</sup>, da localidade de Simmern, no Hunsrück, passou toda a sua vida no coração do Hunsrück e lá escreveu um importante livro, reprodu-

6 BORGES, L. C. 2003, p.13.

7 CEM Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul. Trad. Arthur B. Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p. 291.

8 Mais informações sobre a biografia do poeta Peter Joseph Rottmann, ver NEUMANN, Gerson Roberto. *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)*. Vol. 1909, Frankfurt a. Main: Peter Lang, 2005 (Europäische Hochschulschriften).

zindo para a forma escrita o que ouvia as pessoas dizerem nas suas conversas cotidianas, obviamente em dialeto Hunsrückisch.

A primeira edição do seu livro *Gedichte in Hunsrücker Mundart*, ou *Rottmannbuch*, como muitos o conheciam, é de 1840, período da emigração alemã para o Brasil. Por dois poemas abordarem a emigração ou a possibilidade de emigração de pessoas do Hunsrück para o Brasil, opto por um exemplo em que isso aparece: o poema “Der Abschied”

Lisekett.  
Willst Dau, Hannes, noh Bresilje ziehe,  
Wo Deich Schlange unn die Affen kriehe?  
Ach, dann stehrbt gewiss Dei Liesekett!  
Wer sall meich dann bei die Spielleit fehre,  
Wann eich naunder meine Kerl verleere?  
Geh, eich wullt, datt Deich der Deiwel hätt!<sup>9</sup>

É importante salientar que Peter J. Rottmann continua sendo ainda hoje uma relevante referência para as pesquisas sobre produções escritas em dialeto tanto na Alemanha como no Brasil, no seu caso do Hunsrückisch. Rottmann sempre foi uma pessoa pública em Simmern, primeiro como advogado autônomo e depois como prefeito. Na segunda parte da sua vida profissional, Rottmann viu-se confrontado com a emigração em massa da sua cidade e de toda a região do Hunsrück, tendo como objetivo principalmente o Brasil. Por isso as suas duas poesias que tematizam a emigração para o Brasil possuem uma posição contrária à saída para terras brasileiras. No recorte apresentado acima, temos Hannes, tentando dizer a Lisekett que vale a pena ir para o Brasil, trabalhar lá por um tempo e voltar para casar com ela. No segundo poema, que apresentamos a seguir, o velho pai tenta convencer o filho a não seguir os outros, rumo ao Brasil; que ele seja o que seu pai também fizera. No poema “Der alte Vater an seinen Sohn” lê-se:

Vor-em Schaffe grauel nitt!  
Dann Dau siehst jo alle Ritt,  
Datt die Faule nitt bestehn  
Unn dann noh Bresilje gehn.<sup>10</sup>

A importância da variante dialetal de Peter J. Rottmann está menos nas semelhanças com o dialeto falado no contexto brasileiro e mais no fato de ser a matriz alemã do de uma parte do Hunsrückisch falado no Brasil, que por sua vez teve que recorrer a auxílios da língua portuguesa em muitas situações – por falta de palavras que pudessem definir determinados objetos, novos para os imigrantes, por exemplo – e assim fez surgir uma forma linguística híbrida, o Hunsrückisch. Comparando-se a forma escrita de Rottmann

---

9 ROTTMANN, P. J. 1863, p. 2 – 3. Abaixo do título, no livro, pode-se ler que o poema é uma paródia do poema “A despedida de Heitor”, de Friedrich Schiller.

10 ROTTMANN, P. J. 1863, p. 4 – 5. Como no poema anterior de Rottmann, nesse também é apresentada uma observação, dizendo tratar-se de uma paródia de outro poema “Sohn, hier hast Du meinen Speer.”

com as dos autores que se apresentará a seguir, pode-se ver que há grandes diferenças. A presença de Rottmann como primeira referência no estudo da tradição no Hunsrückisch é, contudo, imprescindível.

2) RAMBO, Balduino, SJ. *O rebento do carvalho. Contos dialetais*. Ed. Bilingüe, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

Balduino Rambo já foi citado acima por sua importância como um dos primeiros “intelectuais-colonos” a produzir contos em Hunsrückisch. Rambo nasceu em uma das comunidades de imigração alemã no Rio Grande do Sul, onde se falava o Hunsrückisch, em Tupandi, no dia 11 de agosto de 1905, filho de pais colonos. Saiu do campo para estudar, adquirindo vasto conhecimento, mas nunca deixou de praticar o dialeto, pelo contrário passou a produzir nele. Conforme Arthur B. Rambo, quando fala de Balduino e dos “contos no seu contexto”, diz que esses contos “têm um segundo objetivo não menos importante: descrever o mundo rural, seus personagens, a vida em família, a comunidade, a religiosidade, etc., no dialeto de que se utilizavam os atores do cotidiano desse universo.” E continua afirmando que “o autor escolheu este caminho para chamar a atenção para este mundo sobre a sua própria identidade e torná-lo consciente de sua própria importância e do seu valor.”<sup>11</sup>

Os contos de Rambo foram publicados no *Die Fahne des Heiligen Ignatius*. Entre os anos de 1937 a 1962 foram publicados 21 contos, posteriormente reunidos e traduzidos por Arthur B. Rambo, em forma de livro bilingue, em 2002.

O trecho a seguir ilustra a forma dialetal adotada por Rambo. A meu ver, dos escritores em Hunsrückisch no Brasil, Rambo é um dos que mais se aproxima do alemão Peter J. Rottmann. Para quem não sabe o que vem a ser um “Mollekopp”, abaixo segue a descrição de Bambo:

En Mollekopp, dat is en Krot, wo noch keen richtig Krott is, wo awer nochemol en ausgewachsene Krot werre will. Unn wat die Mollekepp sinn, dat ware et erscht alles Mollekeppcher, unn die Mollekeppcher die komme aus de Aier geschlupt, wo die Krotte in de Kimpel lehe, wenn sie lang genug gschrait, gesung, gegluppt unn gebollert hon.<sup>12</sup>

3) GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und Portugiesischer Sprache*. Porto Alegre: Própria, 2001.

Trata-se de um pequeno livro de poemas de Alfredo Gross em dialeto Hunsrückisch, no qual, além de apresentar os seus poemas, o autor traça um rápido panorama do contexto imigratório alemão no Rio Grande do Sul, dedicando especial atenção à prática da língua, no caso do Hunsrückisch. De Gross tomo o trecho de um poema que já denuncia o valor dado ao dialeto: “Hunsrücker Mundart-Lied”

---

11 RAMBO, B., SJ. *O rebento do carvalho. Contos dialetais*. Ed. Bilingüe, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002, p. 10.

12 RAMBO, B. 2002, p. 258.

Die schen Hunsricker Sproch,  
die soll mol lewe hoch!  
Die darf die Bach net runner gehn,  
weil die is unser Sproch.<sup>13</sup>

4) FLACH, José Inácio. *Unsa gut deutsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

Com Flach temos uma obra em prosa, na qual o autor relata sobre situações do cotidiano colonial onde se pratica o Hunsrückisch. Flach escreve sobre temas como “Die Plantasch” (a roça), “En Sterbefall” (um falecimento) ou “Das Milchgescheft” (a venda de leite). Assim como Rambo, o autor dedica seu livro aos colonos, que, segundo ele, com o seu trabalho e sua força de vontade auxiliaram no crescimento do nosso país. José Inácio Flach nasceu em Bom Princípio, município próximo à localidade de onde partiu Rambo. Pode-se imaginar que Flach certamente tenha sido leitor de Rambo e deve também tê-lo usado como referência para a escrita de seus textos.

A seguir, citaremos o trecho em que o autor dedica o livro aos colonos:

Das Buch ‘Unsa Gut Deutsch Kolonie’ iss, also, en  
Behauptung von de Dankbarkeit fa alle gute Bauaschleit  
wo dorch iha Arwed on Schweiss, sei’s wo’s will, das  
Fundament von de Entwicklung on’m Fortschritt von  
unserem Vaterland, schon dorch hunatachzig Joha, dohia  
uf dea Seit von’m Atlantische Ozean ufbaue.<sup>14</sup>

Além desse recorte, no qual o autor dedica a sua obra essencialmente aos colonos, cabe também apresentar outro pequeno trecho, no qual é possível perceber a forma que o autor usou para dar ao texto um caráter um pouco menos literário, mas destaca um cunho antropológico às suas pequenas histórias sobre as colônias interioranas, onde ainda se fala Hunsrückisch. Para tal, escolho o texto “Unsa Schul – Die Pfarrschul”:

Die Bicha wo’ma kaaf hatt fa dren se lenne, ware ganz  
gewenlich. Das eascht Joha hatt’n Buch wo mit de  
Buchstabe a, e, i, o, u on v angafang hatt. Gleich demnoch  
ware schon Buchstabe sammegesetzt; va, ve, vi, vo, vu.  
On do aach schon portugiesische Wertcha: “ovo, uva, ave,  
vovo” on so weita.<sup>15</sup>

Também Lily Clara Koetz, da região de Igrejinha - RS, escreve em Hunsrückisch e reflete sobre a língua e sua importância. Essa é claramente uma característica da literatura

---

13 GROSS, A. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und Portugiesischer Sprache*. Porto Alegre: Própria, 2001, 69.

14 FLACH, J. I. *Unsa gut deutsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004, contacap do livro.

15 Idem, 2004, p. 19.

na variante dialetal. Na obra *A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*, coordenada por Erni G. Engelmann, pode-se ler, entre diversos outros textos que compõem a história da presença alemã na referida região, o poema “Die Hunsrick-sprooch”, de Lily Clara Koetz. Deste, extraímos alguns versos:

Die Hunsricksprooch, ehr liewe Leit,  
macht merschtendeils ach iwwerall Freid,  
weil jerermann nennt – unn es is gornet so –  
die Sprooch wär nor fa ze lache do.

## Almanaques

O *Brumbär-Kalender* (O Almanaque Resmungão) foi publicado de 1931 a 1935, editado em Arroio do Meio - RS. Trata-se de um pequeno almanaque, muito simpático pela sua apresentação, por ser pequeno e com interessantes histórias acompanhadas geralmente por belas ilustrações. O almanaque caracteriza-se pelo seu caráter humorístico; os textos nele publicados, porém, não abordam somente temas de humor.

Tratando-se de almanaques que publicaram textos em Hunsrückisch, temos no *Brumbär-Kalender* uma das principais referências relativas à questão. Lamentável é que seu período de circulação tenha se resumido somente a seis anos. Hoje, vemos a iniciativa do editor Alfons Brod como muito inovadora e de grande importância; na época, porém, certamente não deve ter sido muito aplaudido por publicar em Hunsrückisch, pois no discurso a prioridade da comunidade germânica no Brasil estava em manter viva a *língua materna* e por tal entendia-se o Hochdeutsch (alemão padrão). Pode-se questionar se a conclusão prematura das atividades editoriais do almanaque pode ter sido motivada por uma possível reprovação de setores da sociedade devido ao fato de publicarem em Hunsrückisch, o que na época teoricamente pouco contribuía para o crescimento cultural das comunidades alemãs no Brasil.

A seguir uma breve citação do conto “Familie Kampfhahn off’m Kindchebesuch”, de autoria de M. R. Schauen, de Povoado Sério, Lajeado – RS - no *Brumbär-Kalender* de 1932:

Off’m Gäseberg, de wo en halb Stonn hinnig de  
Klosterpikad leihd, soll Sonndags bei Knollebachs  
Hannes, morjens Kenndaaf un meddags Kindcheskaffe  
sinn. Dazu wor aach de Kampfhhn Peter aus de  
Klosterpikad met seiner Fraa, de Gret, enngelad gebb. De  
Hannes hat geschribb.”<sup>16</sup>

O *Sankt Paulusblatt* é outro importante divulgador de textos em Hunsrückisch. Foi fundado em 1912 e é publicado até hoje e, segundo Arthur B. Rambo, “entre os anos de 1947 e 1960 este periódico mensal significou o instrumento mais comprometido com a tentativa de retomar o teuto-brasileirismo na sua forma original.”<sup>17</sup> Nesse período, Balduino Rambo foi um dos grandes contribuidores para a revista, tendo escrito 123 cartas, uma correspondência fictícia em dialeto Hunsrück. Além disso, a revista *Skt. Paulusblatt*

16 SCHAUREN, M. R. “Familie Kampfhahn off’m Kindchebesuch”. In: *Brumbär-Kalender 1931-1935*. Alfons Brod (Ed.). Arroio do Meio. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1932.

17 RAMBO, A. B. in: RAMBO, B. 2002, p. 14.

oferece até hoje a oportunidade para qualquer pessoa de publicar seu texto, também em Hunsrückisch. A revista, de orientação católica, traz textos diversificados (ficcionais ou não), algumas poesias, notas informativas, avisos e relatos.

A seguir transcreveremos dois pequenos recortes em Hunsrückisch para mostrar que dentro da própria *Skt. Paulusblatt* há espaço para a diversidade de expressão do Hunsrückisch. O primeiro texto fala da bebida tradicional dos gaúchos, o chimarrão, que por sua vez não possui uma palavra no alemão padrão. Em Hunsrückisch, Therezinha Vier – a autora do texto – descreve-a da seguinte forma:

...Do sin ich an das Chimarrong mache gang. Awer Verflikt un zugenäht wo die traurich Bumb net gaschtobt. Wenn man jo len iss wes ma alsmo sich net se helfe, awa die annere konnte es och net.<sup>18</sup>

Já Werner Stoffel escreve um texto sobre o próprio Hunsrückisch, como já é possível constatar no título: “Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirasch Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot.” A seguir, um trecho desse texto:

Iwwa Muasche es ganz ruut die Sonn onnagang, langsam esset Oomend woa. Ganz henna on met ruure Käpp sen die Schnäirisch-Kenna von Ubbahause vom schlittchefahre heimkomm on hon sich bäi iarem Uuba närrageloof, dä en da warrem Stuff em Dämmalich am gliiniije Oowe gesess hot on bißje engenickt woa.<sup>19</sup>

Outra revista, também de orientação católica e que ainda hoje publica seus textos orientados a uma comunidade leitora de textos em Alemão, Hunsrückisch e Português, é o *Familien-Kalender*. Nessa mesma revista, Balduino Rambo escreveu os seus textos, reunidos hoje em livro. Desta extraímos, a título de exemplificação, um trecho de um texto atual. Interessante é a constatação que um colaborador muito assíduo de textos em Hunsrückisch para a revista é o professor Norberto A. Spohr, que reside na Paraíba. Outro colaborador muito assíduo também está bastante distante do contexto mais comum da prática do dialeto Hunsrückisch, a região sul, onde ocorreu a grande imigração alemã. Trata-se de Pedro I. Hahn, que reside no Rio de Janeiro. A seguir um pequeno exemplo do Hunsrückisch de Spohr, no texto “Jesus unn de Peda”:

Jesus unn de Peda wore, von jung an, gute Freinde. Peda hot sei Nickelche mit Fischrei verdient, unn Jesus hot seinem Vater in de Tischlerei geholf. Eine Samstag honn se sich wie imma, an de ‘Kerrich’ antroff.<sup>20</sup>

18 VIER, T. “De Chimarrong” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 8.

19 STOFFEL, W. “Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirasch Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 6.

20 SPOHR, N. A. “Jesus unn de Peda.” In: *Familien-Kalender*, 2003, p. 134.

## Jornais

Também os jornais foram e continuam sendo usados para dar voz a pessoas que querem publicar suas produções em Hunsrückisch. Algumas já conquistaram um merecido espaço e reconhecimento pela sua produção. Maria Noemia B. Assmann, de Feliz - RS, escreve regularmente no jornal *Primeira Hora*. No artigo “Tih Taytixe Inwanre In Siht Prasilye”, ela escreve:

Im yahrkank 1820 wahre fihl paure in sälte sohne fon  
Taytxlant in krehster noht. Ihr lant wahr tsimlich aus  
kenutst. “Adubo químico” hats in thene tsayte noch  
khäns káp.<sup>21</sup>

Da mesma forma, Wolfgang Hans Collischonn escreve seus textos em jornais. No *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS, o autor escreve na coluna “Der Friedolin”, representando o Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros Familiares (Capef), de Lajeado – RS. No artigo “Die hunsricka wore imma knicksich”, o autor diz o seguinte:

In de Zeite vom Schetulio wo ma kee Gasoline kriecht hot  
weil Kriech woa, do hot unsa Nochba sich mol en Rees uff  
die Serra voagenomm. Ea und sei Froa wollte sich doch  
mol die neie Kolonie ongucke wo so viel Leit von unsa  
Gehend hingezoh sinn.<sup>22</sup>

Collischonn também contribui com a coluna *Deutsche Sprache*, no Jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS. No texto “Politik”, Collischonn escreve o seguinte:

Mein Compater João hot in de ganze Wintamonate nix vun  
sich siehn ore heere geloss. Ea hat so en abscheiliche Huschte  
un do wollt ea liewa in sei worm Kich bleiwe un Zeitung  
lese. Awa am erschte Sonntach im September, wie’s wärma is  
gebb, do is ea doch nochmol bei mia moie komm.<sup>23</sup>

Também fora do estado do Rio Grande do Sul existe produção de textos em Hunsrückisch para jornais, sendo que de um deles temos informação e queremos destacar neste momento algumas linhas desta importante coluna – *Ein Hunsrückler aus Rondon* – do Jornal *Evangelische Zeitung*, jornal esse impresso em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os textos dessa coluna não possuem título, sendo sempre a referência o nome da já conhecida coluna. A seguir um trecho dessa produção:

---

21 ASSMANN, M. N. B. “Tih Taytixe Inwanre In Siht Prasilye.” In: *Primeira Hora*, n. 669, ano 12, 20 de jul. de 2006, p. 12.

22 COLLISCHONN, W. H. “Die hunsricka wore imma knicksich.” In: *Correio Rio-Grandense*. Caxias do Sul. Infelizmente não dispomos dos dados bibliográficos completos desse artigo.

23 COLLISCHONN, W. H. “Politik.” In: *O Informativo*. Lajeado. s.n., s.a., 13 de set. de 2003, s.p.

Wie gut un voateilhaft, wenn ma vaschiedne Zeitunge lest. Was ein net bringt, steht in de annre drin. Un wenn so'n Zeitung noch am Platz gedruckt werd wo Hunsricker wohne, is se noch interessante.<sup>24</sup>

## Conclusão

Certamente, devem existir outras produções em Hunsrückisch país afora, mas tentamos reunir aqui brevemente alguns exemplos que são importantes para a fixação de um *corpus* que tomamos como a tradição para, a partir desses modelos, poderemos pensar uma forma de fixar o modo de escrever em Hunsrückisch. Desta forma, poderíamos ter acessíveis muitas outras vozes, trazendo ao grande público – leitor dessa expressão prioritariamente oral – mais uma possibilidade de leitura, uma expressão também artística de um grupo que muitas vezes não teve voz. A estruturação da escrita do Hunsrückisch também poderia possibilitar a muitos falantes dessa língua a expressão escrita da mesma, o que até hoje não lhes foi possível.

A reflexão em torno da estruturação da forma escrita do Hunsrückisch acontece num momento em que muito se pensa sobre o futuro dessa expressão oral, única no mundo, resultado do contato dos imigrantes alemães, principalmente da região do Hunsrück, com o brasileiro. O Hunsrückisch está vivo e merece a nossa atenção, não somente linguístico-literária, mas também sociológica, histórica, antropológica e política.

## Bibliografia

- ARENDDT, Isabel C. *Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.* Dissertação do Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, RS., 1998.
- FLACH, José Inácio. *Unsa gut deutsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.
- GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache*. Porto Alegre: S.e., 2001. 88 p.
- KOETZ, Lily Clara. Die Hunsricksprooch. In: *A saga dos alemães – do Hunsrick para Santa Maria do Mundo Novo*. Org. Erni G. Engelmann; Helmut Burger; Ivo Backes. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2004, vol. 3, p. 354.
- NEUMANN, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch. In: *XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas*, 2008, São Leopoldo - RS. Imigrações e Relações Interétnicas - XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 1217-1229.
- RAMBO, Pe. Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)*. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 2002. v. 1 [340 p.], v. 2 [358 p.] (Coleção Fisionomia Gaúcha, 6.)

---

24 A. S. “Der Hunsrücker aus Rondon.” In: *Evangelische Zeitung*. Porto Alegre, s.n. s.a., 3 a 16 de ago. de 1986, p. 16.

ROTTMANN, Peter Joseph. *Gedichte in Hunsrücker Mundart*. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

Coluna *Der Friedolin*, no jornal *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS.

Coluna *Deutsche Sprache*, no jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS.

Coluna no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio – RS.

Coluna *Hunsrücker aus Rondon*, no jornal *Evangelische Zeitung*, editado em Porto Alegre (?).

Textos em Hunsrückisch no *Brummbär-Kalender*, editado entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio – RS, por Alfons Brod, e que se constituía prioritariamente de textos – poemas e contos – de cunho humorístico.

Textos no *Familien-Kalender*, almanaque anual editado em Porto Alegre – RS.

Textos em Hunsrückisch no *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado pela Sociedade União Popular Theodor Amstad, em Nova Petrópolis – RS.